



Degenerados e libidinosos: a cultura judaica no discurso antijudaico da *Unitas*
Degenerate and Lustful: Jewish Culture in the Anti-Jewish Discourse of *Unitas*

Cristine Fortes Lia*

Universidade de Caxias do Sul (UCS) | Rio Grande do Sul, Brasil
crisflia@bol.com.br

Resumo: O artigo analisa como a cultura judaica, na perspectiva da sexualidade, foi contemplada pela *Revista Unitas*, periódico católico do Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX. A partir de uma abordagem histórico-discursiva, investiga-se como essa trajetória de migração foi alvo de uma narrativa marcada por preconceitos de ordem moral, sexual e cultural. Atribuindo aos judeus características de degeneração, imoralidade e libidinagem, os textos difundidos pela imprensa católica construíram um imaginário social que visava à exclusão e à deslegitimização da comunidade israelita. O estudo mobiliza aportes teóricos de Foucault (1996), Sartre (1978) e Delumeau (1989), entre outros, para compreender os mecanismos de produção e manutenção desse discurso. Destaca-se, a associação entre judeus, comunismo e liberalismo amoral, bem como a identificação do cinema como espaço de propagação da imoralidade judaica.

Palavras-chave: Cultura judaica. Sexualidade. Imprensa Católica.

Abstract: This article analyzes how Jewish culture, from the perspective of sexuality, was represented in *Unitas* magazine, a Catholic periodical from Rio Grande do Sul, during the first decades of the 20th century. From a historical-discursive approach, it investigates how this migration trajectory became the target of a narrative marked by moral, sexual, and cultural prejudice. By attributing to Jews characteristics of degeneration, immorality, and lust, the texts disseminated by the Catholic press constructed a social imaginary aimed at the exclusion and delegitimization of the Jewish community. The study is grounded in theoretical contributions from Foucault (1971), Sartre (1978), and Delumeau (1989), among others, to understand the mechanisms of production and maintenance of this discourse. It also highlights the association between Jews, communism, and amoral liberalism, as well as the identification of film industry, as a space for the propagation of Jewish immorality.

Keywords: Jewish Culture. Sexuality. Catholic Press.

* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul (PUCRS) e Professora do Curso de História do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS).



Considerações iniciais

A cultura judaica apresenta uma tradição rica em elementos sobre a sexualidade, reconhecendo-a como uma experiência transformadora, essencial e, em contextos concebidos pelas convenções religiosas, até mesmo sagrada. Na literatura, os judeus expressam historicamente os limites éticos da vida sexual, com narrativas normativas, elegantes e, muitas vezes, humor. No entanto, o que as comunidades judaicas produzem literariamente, algumas vezes, não dialoga com o que é produzido sobre elas.

É o caso da campanha antijudaica, expressa em textos jornalísticos, organizada no sul do Brasil, durante as fases migratórias de judeus para o estado gaúcho. Apoiando-se fortemente em uma imagem de ‘degenerados sexualmente’, o discurso produzido objetivava evidenciar os malefícios do acolhimento do grupo, sob a pena de “poluir” os bons cristãos brasileiros. Os judeus são apresentados como imorais e portadores de defeitos sexuais. Nesse contexto, destaca-se os textos da revista *Unitas*, publicação oficial da Igreja Católica em Porto Alegre.

A imigração judaica oficial para o Brasil inicia nas primeiras décadas do século XX com a fundação das colônias agrícolas no Rio Grande do Sul, estado que aceitava a vinda de não cristãos para o seu território. Preocupadas com a situação dos judeus na Europa, em especial, no leste europeu, as associações judaicas internacionais se interessaram pelo sul brasileiro para a formação de núcleos judaicos na América. Assim:

Em 1904 foi fundado o núcleo agrícola de Phillipson, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, com uma área de 5.500 hectares, na qual se estabeleceram 267 pessoas provenientes do território da antiga Bessarábia (atualmente Moldávia). Em 1909, foi fundada a segunda colônia agrícola para imigrantes judeus, a fazenda de Quatro Irmãos, com uma área de 98.850 hectares, ocupando parte do território que atualmente faz parte das cidades de Getúlio Vargas e Erechim, ambas no estado do Rio Grande do Sul. O segundo núcleo agrícola recebeu um contingente de aproximadamente 350 famílias. A fundação dessas colônias e a transferência dos contingentes de imigrantes para o Brasil deve-se à ação da JCA (Jewish Colonization Association) ou ICA (em iídiche, Yidishe Kolonizatsye Gezelshaft), associação fundada em 1891, por Maurice de Hirsh, o Barão de Hirsh, com o objetivo de promover a formação de núcleos judaicos na América, [...] Outros núcleos, [...], ainda



foram fundados pela ICA no Rio Grande do Sul: Barão Hirsh, Baronesa Clara e Rio Padre.¹

Muito rapidamente, com a instalação dos núcleos agrícolas, começam a circular notícias que caracterizavam os judeus como migrantes indesejados e desqualificados para permanecer em terras brasileiras. Estas caracterizações retratavam, entre outros defeitos, as peculiaridades obscenas do grupo. Com o monopólio do discurso, a imprensa antijudaica promove uma campanha difamatória da comunidade, que se estende por décadas, inclusive durante a Segunda Guerra Mundial.

Michel Foucault (1996) observa que controlar a narrativa é produzir um contexto de verdade no qual os impedidos de manifestar-se, pela ordem do discurso, não conseguem revelar sua veracidade. “É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo as regras de uma ‘pólicia’ discursiva que devemos reativar em cada um dos nossos discursos”.² Dessa forma, o antijudaísmo, diante do silêncio do recém-chegados, ganha espaço nos periódicos gaúchos.

Além disso, a maior parte das ideias sobre judaísmo estão vinculadas a visões estereotipadas sobre o “ser judeu”. Pertencer à comunidade judaica adquiriu a conotação de ser errante, negociante, sovina, larápio, usurário. Jean-Paul Sartre (1978) chama a atenção para a inexistência de fundamento nas definições sobre os judeus. Segundo o filósofo francês, as pessoas afirmam que: “[...] deve haver algo nos judeus: eles me incomodam fisicamente [...]” ou “Eu os odeio porque são interesseiros, intrigantes, pegajosos, viscosos, sem tato etc”.³ Sartre (1978), ainda observa que as informações sobre o judaísmo, em geral, não constituem um “dado histórico”, mas sim, “[...] idéia que os agentes da história nutriam a respeito do judeu”.⁴ Percebe-se o que Foucault (1996) sobre a manutenção do discurso sobre o outro:

Creio que existe um terceiro grupo de procedimentos que permite o controle dos discursos. Desta vez, não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam;

¹ Lia, 2004, p. 125-126.

² Foucault, 1996, p. 35.

³ Sartre, 1978, p. 7.

⁴ Sartre, 1978, p. 9.



ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo.⁵

Jean Delumeau (1989), mostra o quanto as concepções sobre os judeus os transformam em verdadeiros “agentes de satã”. Os judeus representam a imagem mais distinta do outro. Este outro não só é distinto como incompreensível e desprezível. Indignos não apenas pelo deicídio que são acusados, mas também por serem libertinos. São associados às feiticeiras e as bruxas como agentes de satã. “Eles são a própria imagem do ‘outro’, do estrangeiro incompreensível e obstinado em uma religião, dos comportamentos, de um estilo de vida diferente daqueles da comunidade que os recebe”.⁶

Desta forma, buscou-se o impedimento da entrada de imigrantes judeus. Como atendiam as necessidades migratórias do Rio Grande do Sul, pois foram destinados ao trabalho agrícola, eram brancos e não existiam restrições religiosas no estado gaúcho, a campanha antijudaica encontrou na ideia de imoralidade, de degenerados sexualmente uma forma de desacreditar a comunidade judaica. Segundo Alcir Lenharo (1986), não podendo se apoiar em razões biológicas, esse preconceito antijudaico se fundamentou em razões supostamente culturais, destacando a natureza perniciosa dos indivíduos, que não correspondiam as necessidades imigratórias do país, pois eram inúteis economicamente, professavam uma religião não legítima e eram degenerados sexualmente. Representavam aqueles que disseminariam uma herança cultural negativa no seio do povo brasileiro. Era necessário garantir o isolamento, impedir a “contaminação” do sangue judeu nas veias do brasileiro. Eram os preconceitos do sangue. O sangue judeu estaria contaminado, infecto. O “cruzamento” com essa “raça” “poluiria” os brasileiros.⁷

Muitos periódicos passaram a expressar notícias difamatórias sobre os judeus e suas práticas libidinosas, em especial os destinados ao público católico. A revista *Unitas* corresponde a uma destas publicações que promoveu expressiva campanha contra a degenerada comunidade judaica, nas primeiras décadas do século XX. A revista *Unitas* foi um dos órgãos da imprensa católica de maior representatividade durante os anos do Estado Novo. Apresentava-se, nas suas edições, como órgão oficial da Arquidiocese de Porto Alegre, sendo publicada “sob os auspícios do Prelado Metropolitano”. Durante o Estado Novo, a revista fundada em 1914, tornou-se órgão oficial da Província Eclesiástica de Porto Alegre. Entre seus diretores destaca-se o nome do então Cônego Vicente Scherer, responsável pela mesma no período de 1945:

⁵ Foucault, 1996, p. 36-37.

⁶ Delumeau, 1989, p. 279.

⁷ Lia, 2004.



O primeiro número da revista *Unitas* foi lançado em 1913, um ano após Dom Becker assumir o cargo de arcebispo metropolitano. A revista, de certa forma, era um item eficiente que compunha a gestão do arcebispo, pois cumpria a função de tornar pública e unificar a orientação estabelecida pelo mesmo. Ela foi mantida ativa até 1946, ano da morte de D. Becker, quando teve interrupção brusca de sua publicação. Ou seja, a ausência de D. Becker - mentor intelectual da revista - inviabilizou o periódico por algum tempo. [...] cabe destacar que, em 1947, a *Unitas* voltou a circular como parte da gestão do Cardeal Alfredo Vicente Scherer, arcebispo titular de Porto Alegre (de 1947 a 1981) e, assim como D. Becker, dirigiu e manteve o boletim *Unitas* como órgão oficial de divulgação da arquidiocese.⁸

Os aspectos mais recorrentes da campanha antijudaica da *Unitas* estão relacionados com a vida sexual considerada degenerada dos judeus, com a indústria cinematográfica que, por ser produto do judaísmo destruía os valores cristãos e com o medo do comunismo também considerado como uma criação judaica.

Degenerados e libidinosos na campanha antijudaica

Como dito anteriormente, a migração judaica nas primeiras décadas do século XX constitui-se como um processo marcado por forte antijudaísmo,⁹ tendo como um dos pilares deste preconceito a natureza libidinosa e imoral atribuída pelo discurso da imprensa. Um dos aspectos mais enfocados para expor a má índole da comunidade judaica foi o cinema, frequentemente associado como uma ferramenta do judaísmo para a destruição da moral cristã.

Oswaldo Gouvêa (1935), em *Os judeus do cinema*, afirma que por meio das produções cinematográficas a moral estava sendo atacada. Segundo Gouvêa (1935), o cinema sofreu um progressivo processo de degradação desde que passou a ser controlado por judeus. Essa degradação cinematográfica abalou os costumes de toda a sociedade. "Hollywood é por isso um abrigo de judeus. Ali elles vivem. Ali predominam,

⁸ Leon, 2017, p. 523-524.

⁹ Refere-se a antijudaísmo pelo preconceito ser inicialmente mais atrelado a questões religiosas e depois assumir conotações mais amplas de caráter racial. John Dominic Crossan (1995) faz uma distinção entre dois tipos de preconceitos que considera distintos: o antisemitismo e o antijudaísmo. Segundo o autor: "[...] o anti-semitismo só aparece na história quando o antijudaísmo está combinado com racismo" (p. 47). O antijudaísmo é considerado por Crossan (1995) como um preconceito religioso, permitindo ao judeu convertido se afastar; já o antisemitismo está ligado à questão racial, não sendo possível o afastamento.]



sacrificando e combatendo os cristãos".¹⁰ A obra defende a ação "higienizadora" de Hitler na Alemanha: "A expulsão dos judeus foi, pois, inevitável para que a situação do paiz retomasse seu rythmo de tranquilidade e de hygiene".¹¹ Conclui seu texto expressando seu saudosismo de uma época em que o cinema era de fato uma arte, antes dos judeus o invadirem com sua ação libidinosa.

Durante os anos da década de 1930, o cinema foi constantemente apontado pela imprensa gaúcha como uma obra perniciosa de organizações judaicas. Os periódicos que publicavam os anúncios de diversas produções cinematográficas traziam artigos condenando a ação nefasta do cinema para a sociedade. Os judeus foram os responsabilizados por esta ação, por serem considerados os proprietários de quase a totalidade das produtoras de cinema. Dessa forma, aumentavam as críticas sobre a comunidade judaica que, desprovida da moral cristã, objetivava a destruição dos valores humanitários e a aniquilação da comunidade cristã.

A revista *Unitas*, no exemplar do segundo semestre de 1934, reclamava pela necessidade da "higiene espiritual", como um "[...] meio indireto de eugenizar a raça".¹² O cinema foi considerado um agente da promiscuidade judaica. Observa-se que estas campanhas não tinham a intenção de impedir a exibição de películas, mas de criar uma hostilidade à comunidade judaica como corruptora de valores familiares. A relação entre as produtoras e o cinema como agente de degeneração moral foi e é recorrente em diversos países. Sendo assim:

Desde o início do cinema como meio de entretenimento em massa existia uma preocupação, principalmente por parte de setores ligados à Igreja, de que os filmes pudessem estar corrompendo a sociedade, apresentando uma série de valores e ideias que não eram aqueles característicos não só de um cristão, mas também do homem norte-americano.¹³

Neal Gabler (1989) destaca que, apesar da expressiva presença judaica na criação das produtoras, no início do século XX, as temáticas e os atores dos filmes não eram, na maioria das obras, judeus. Eram enfatizados dramas familiares que destacassem o "sonho americano". Mas, a má reputação acompanhou a história do cinema por ser um negócio de imigrantes comparado, muitas vezes, com a indústria de bebidas e o crime. A censura sempre esteve atuante nas produções cinematográficas. Nos Estados Unidos, na década de 1930, surgem associações e códigos de controle, como a Motion Picture Association of America (MPAA) e o Production Code Administration (PCA):

¹⁰ Gouvêa, 1935, p. 26.

¹¹ Gouvêa, 1935, p. 26.

¹² *Unitas*, jul./dez. 1934, p. 310.

¹³ Silva, 2016, p. 238.



O Código buscava garantir que os filmes transmitissem os mais nobres valores norte-americanos (e também cristãos) e que não criticassem as principais instituições do país, como a igreja, as cortes de justiça, a família e o governo. Qualquer desvio dessa moral deveria ser tratado de forma a não despertar simpatia e desejo de agir igualmente. As películas deveriam transmitir uma imagem positiva da realidade dos Estados Unidos, destacando os princípios e ideias da sociedade norte-americana, representação essa que seria transmitida em todo o território nacional e também no exterior.¹⁴

Ao longo da década de 1930, antes da declaração oficial de guerra contra a Alemanha, era comum a publicação de textos em apoio às políticas de Hitler e Mussolini, pelo aparente respaldo religioso e combate ao comunismo que tais políticas se propunham a oferecer. Sem comentar sobre a perseguição aos judeus na Europa, estas notícias comemoravam o avanço do cristianismo e o combate a imoralidade judaica na Alemanha e na Itália:

Mussolini, na Itália, reformou sua pátria pelo estado totalitário, tangendo, harmonicamente, as cordas mais sensíveis do coração do seu povo: a latinidade, indo até Rômulo e Remo, e a religião católica, cuja sede se acha em Roma.

Hitler, o grande remodelador da Alemanha, que salvou a sua pátria das garras do bolchevismo, criou o estado totalitário, apelando para o sentimento racial do arianismo e implantando a cruz suástica nas instituições públicas. Os resultados de sua atividade estupenda não só empolgam a Alemanha, mas todo o mundo.

O império germânico quer ser o Estado de um povo cristão. O novo Estado, segundo Hitler, levanta-se em atitude enérgica e combativa contra qualquer movimento ateizante e do liberalismo amoral. Povo cristão é aquele que professa um cristianismo de dogmas determinados e eclesiaticamente organizado.¹⁵

O entusiasmo expressado pela “cruz suástica” é vista como manifestação grandiosa do cristianismo. Quando menciona o “bolchevismo” o texto está indiretamente atacando as comunidades judaicas, responsabilizadas pela expansão do comunismo. O que era visto como mais um traço da imoralidade judaica. A relação entre judaísmo e comunismo é recorrente na campanha difamatória dos migrantes. Outra ideia

¹⁴ Silva, 2016, p. 238.

¹⁵ *Unitas*, 1933, p. 439.



associada à imoralidade judaica é a da vertente comunismo/ateísmo/judaísmo, de forma em que os judeus eram ao mesmo tempo fiéis de uma religião não legítima e ateus, pois eram comunistas.

A ideia do judeu comunista ateu é associada ao chamado liberalismo amoral. Uma desqualificação religiosa e moral. O judaísmo seria uma religião tão medíocre que poderia ser igualada ao ateísmo. E, na crença de que todo o comunista é ateu e o comunismo sendo visto como uma obra judaica, tudo se relaciona com a imoralidade dos judeus. Na tentativa de defender um princípio de moralidade cristã, as ideias nazis fascistas foram defendidas com entusiasmo. Qualquer caminho conservadorista foi considerado válido no antijudaísmo. A revista *Unitas* foi um importante instrumento de divulgação das ideias católicas da década de 1930. "O impresso era uma publicação da arquidiocese de Porto Alegre e distribuído em várias das cidades do estado; era composto basicamente por textos, poucas ilustrações, conteúdo denso e específico."¹⁶ Combater o Estado laico e intensificar a educação católica eram os grandes objetivos da publicação. Nesse sentido, o conflito com os migrantes judeus ocupou espaço nas páginas do periódico. Mesmo não atacando diretamente os indivíduos, promovia uma exaltação das crenças católicas em detrimento de outras religiões:

Dentre as diversas ações presentes no impresso, nota-se a investida em unificar a prática do clero rio-grandense e a divulgação de um ideário de educação católica. O debate educacional ganha destaque neste período, pois é um dos itens em disputa pela Igreja Católica no processo constituinte de 1933. Pode-se perceber a corporificação das reivindicações em torno deste ponto, considerando algumas estratégias explicitadas na revista.¹⁷

Durante a Era Vargas (1930-1945), com a ascensão de Getúlio Vargas no poder, os periódicos do Rio Grande do Sul publicavam mensagens de apoio ao novo chefe da nação e circulavam diversos artigos que legitimavam os interesses do regime de Vargas, em especial daqueles que definiam o verdadeiro povo brasileiro, alertando sobre o perigo de determinadas presenças estrangeiras e, dentro desta perspectiva, o judeu assume lugar de destaque nas publicações.

A revista *Unitas*, em novembro de 1933, publicou um longo artigo, sob o título de "O novo Estado e a religião", cujo objetivo principal era consagrar a religião católica como a legítima fé do povo brasileiro, "[...] a única portadora da verdadeira religião"¹⁸. Para isso, inicia um trabalho de diferenciação entre o catolicismo e outros credos, todos

¹⁶ Leon, 2017, p. 512-513.

¹⁷ Leon, 2017, p. 514.

¹⁸ *Unitas*, nov. 1933, p. 413.



considerados perigosos para a nação, em especial os não-cristãos, personalizados nos judeus. "A Rússia bolchevista é criatura do judaísmo [...]. A imprensa e os anúncios, o teatro e o cinema, muitas vezes, transbordam de tendências frívolas e cínicas, envenedadoras da alma cristã, criadas e difundidas pelo judaísmo".¹⁹ O artigo também atribui ao Estado a responsabilidade de controlar as vertentes religiosas que se disseminavam no país, devendo inibir severamente a propagação do judaísmo:

Por isso, é grave erro afirmar que todas as religiões sejam igualmente boas, o que equivale a proclamar o paradoxo de que as verdades e os erros de doutrina são iguais entre si e ensinados por Deus. Pela mesma razão, nem o Estado pode admitir a igualdade dogmática dos diferentes credos, ou seja da Igreja Católica e das confissões dissidentes [...].

Ora, o Estado, obrigado, por força de sua finalidade, a cuidar do bem público, da prosperidade da nação, não pode estacar indiferente diante a atuação perniciosa e antisocial do judaísmo. É legitimo direito e grave dever do Estado neutralizar e combater essa influencia dissociativa e deletéria, sobremaneira prejudicial ao indivíduo, à família, à sociedade e à própria organização estatal.

É preciso que nossos governantes e as classes conservadoras se convençam da iminência desse grave perigo social e político e empreguem os meios que a terapêutica moral e a profilaxia nacional, com justiça, lhes aconselharem.²⁰

As expressões "terapêutica moral" e "profilaxia nacional" revelam a constante preocupação com a contaminação judaica no sul do Brasil. A presença dos judeus remetia a um imaginário de depravações que precisava ser contido, higienizado e afastado da sociedade cristã. Os casamentos interreligiosos eram combatidos e alertas eram dados, em especial para as mulheres, sobre os prejuízos de uma união com um israelita, que realizaria práticas sexuais abomináveis. O cinema permanecia, nas páginas dos periódicos, associado a imoralidade judaica, um meio transmissor da sua indecência, uma estratégia pecaminosa de macular a sociedade que os acolhia.

Michel Foucault (1984), analisa o quanto a ideia de sangue determina a posição social dos indivíduos, pois está diretamente ligada à hereditariedade, ao que pode ser transmitido. A existência de um grupo está ligada à transmissão de seu sangue, "fácil de derramar, sujeito a extinção, demasiadamente pronto a se misturar, suscetível de se

¹⁹ As definições sobre o judaísmo apresentadas na revista fazem parte do livro de Henry Ford, *O judeu internacional*.

²⁰ *Unitas*, nov. 1933, p. 413-416.



corromper rapidamente".²¹ Controlar o sangue é um exercício de poder, de impedir a manifestação de algo indesejado:

Sangue-sêmen, princípio da vida. Sangue-doença, portador de destruição e de desgraça, ameaça de morte. Sangue coletivo – sinal da possibilidade de violência. Sangue saudável, nacionalidade saudável, trabalhador saudável. Sangue puro, raça pura. Sangue e ameaça social [...]. O imigrante vem de fora, é desconhecido e estranho à substância nacional; pode ser potencialmente um elemento infiltrado de corrosão da saúde da nação. Nesse caso, o sangue é tomado como instrumental científico; o biológico tem ampla ascendência sobre o psicológico, de modo a determinar a integridade moral e cultural do cidadão. Sangue, império da raça.²²

A prática do “sexo higiênico” foi pregada nas primeiras décadas do século XX, destacando o risco de contrair doenças venéreas. O sexo higiênico era exclusivamente aquele praticado dentro do casamento e só tinham valor casamentos realizados pela Igreja Católica. Estavam fora das práticas higiênicas não católicos. Mesmo cristãos de outras correntes estavam rotulados de impuros e de viver no pecado. Segundo Lenharo (1986), judeus, negros e japoneses eram apontados como degenerados sexualmente, sendo os mais imorais entre os obscenos.

A literatura judaica, no entanto, sempre preconizou a importância da constituição da família, do casamento, da fidelidade conjugal e do comprometimento moral da ideia de amor. O respeito às esposas e sua felicidade matrimonial sempre foi cultural e religioso na perspectiva do judaísmo. A ideia de casamentos imorais se sustenta unicamente na ausência de um “lastro” católico nestas uniões:

A preocupação da religião judaica com o estabelecimento a família pode ser observada no fato de que o Talmud dedica cinco tratados a opiniões e regulamentações dos sábios rabínicos sobre as relações entre marido e mulher. Seu objetivo principal era o de assegurar uma felicidade conjugal duradoura. Tinham, porém, outras finalidades, tão prementes quanto. Uma era a melhoria do bem comum. "A felicidade do lar se propaga para o mundo exterior... Aquele que estabelece a paz em sua própria família é como se a 66 estivesse estabelecendo para todo Israel" declaravam os sábios, acrescentando que a felicidade e a paz

²¹ Foucault, 1984, p. 138.

²² Lenharo, 1986, p. 112-113.



familiares só poderiam ser alcançadas por um meio: pelo poder do amor entre marido e mulher.²³

A ideia de inadequação dos casamentos judaicos é recorrente em outros periódicos da época. Diversas notícias eram trazidas sobre práticas de exploração de mulheres que, iludidas ou cientes de suas condições, eram trazidas para o Brasil na condição de esposas e depois se dedicariam a prostituição. Os judeus eram acusados de formar quadrilhas que objetivavam abusar de maior número possível de mulheres, casando-se com várias esposas e depois as abandonando e, muitas vezes, as obrigando a se dedicar ao meretrício. Estas fraudes consideradas imorais e destruidoras dos valores cristãos, só possíveis entre os judeus, foram noticiadas pelo *A Opinião Pública*²⁴, de Pelotas, pelo *Correio do Povo*,²⁵ de Porto Alegre e pelo *Diário da Manhã*,²⁶ de Passo Fundo, dentre outros jornais gaúchos. A própria ICA foi, em diversos momentos, acusada de apoiar a má índole dos imigrantes judeus.

As mulheres judias aparecem, neste discurso antijudaico, como vítimas, nem sempre inocentes, da ação dos homens. Sem estabelecer nenhum vínculo com a comunidade judaica, desconhecendo a importância do papel feminino nesta cultura, os judeus passam a ser associados a *caftens* e meretrizes. Isso corresponde a um prejuízo enorme para o estudo da história da imigração para o Brasil. Toda a tradição da mãe judia, da felicidade conjugal e da satisfação da esposa desaparece (ou não se permitiu ser conhecida) dando lugar a uma narrativa de perversão.

Historicamente, o papel das mulheres nas narrativas migratórias, bem como, seus processos de entrada nos países acolhedores, é marcado por sensíveis diferenças do tratamento dispensado aos homens. Elas são esposas, filhas, vítimas ou libertinas, sempre associadas à sua relação com figuras masculinas. As mulheres raramente são sujeitos históricos de suas trajetórias de migração:

É de conhecimento que a migração envolve muitos fatores e afeta muitas estruturas, sejam de ordem econômica, social ou política. No entanto, há um fator, que mesmo de grande importância, é muito pouco discutido no processo migratório. Durante todo o processo de colonização do Brasil e por que não dizer ainda se observando as migrações dirigidas ao território brasileiro nos dias atuais é possível se observar que há a pouca visibilidade dada às mulheres migrantes. No passado, essa visibilidade era ainda menor e exemplificando como as mulheres eram vistas no

²³ Glasman, 2011, p. 65-66.

²⁴ *A Opinião Pública*, 19 fev. 1940, p. 4.

²⁵ *Correio do Povo*, 17 abr. 1940, p. 5.

²⁶ *Diário da Manhã*, 5 abr. 1940, p. 4.



processo migratório, Assis (2007) discorre que havia o pensamento de que os homens eram mais capazes de se aventurar e correr riscos, já as mulheres eram tidas como as detentoras da estabilidade e responsáveis pela guarda das comunidades, deixadas desse modo, em lugar secundário no processo migratório. As mulheres eram vistas apenas como coadjuvantes, sem vontade própria na escolha de migrar ou não. Esse papel era destinado apenas a seus maridos ou pais que tinham o poder de decisão e que, segundo o pensamento da época, eram os únicos provedores de seus lares.²⁷

Assim, em diálogo com os periódicos, as mulheres judias são vítimas, mas também um meio de corromper a sociedade. Sua ação, controlada pelos homens, promove a destruição dos valores familiares cristãos. Esta visão colabora com a ideia de o único casamento legítimo ser aquele que acontece dentro do catolicismo, pois por meio desta religião os indivíduos seriam regenerados e passariam a acolher valores morais.

Considerações finais

A cultura judaica foi desconstruída para dar ligar ao antijudaísmo pelo discurso de periódicos, em especial os católicos, durante o processo de migração para o Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX. Sem permitir o diálogo com as tradições judaicas, o silenciamento objetivou não necessariamente calar o grupo, mas produzir em demasia sobre determinados aspectos culturais, de forma a impedir que outras narrativas ocupassem o público leitor. A revista *Unitas*, mesmo em momentos extremos, como a ascensão do nazismo na Europa, que promoveu a necessidade de acolher judeus refugiados, manteve um discurso antijudaico apoiado nas ideias da sexualidade degenerada judaica. Libidinosos, comunistas e imorais foram as formas de identificação atribuída ao grupo. E o cinema seria umas das formas de transmissão desta imoralidade.

Isso não significa que não tenham existido reações da comunidade judaica. Ela enfrentou o antijudaísmo e expressou sua cultura. A própria literatura produzida sobre os judeus no Rio Grande do Sul conversa com estes aspectos da campanha antijudaica. A obra de Moacyr Scliar²⁸ exemplifica essa questão, trazendo personagens que representam as tradições e o cotidiano desse grupo migrante.

²⁷ Santos; Fetzner, 2019, p. 3-4.

²⁸ Moacyr Scliar, filho de imigrantes judeus russos, nasceu em Porto Alegre, em 23 de março de 1937, e faleceu, na mesma cidade, em 27 de fevereiro de 2011. Graduou-se em Medicina em 1962, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sempre esteve ligado à cultura da comunidade judaica e ainda criança escrevia pequenos contos narrando as histórias dos habitantes do bairro Bom Fim da capital gaúcha. A partir de



Em *O ciclo das águas*²⁹ e *Os deuses de Raquel*³⁰ acompanha-se a trajetória feminina de migração de Esther vinda do leste europeu e Raquel, nascida no Brasil, filha de imigrantes judeus húngaros. As duas mulheres buscam sua adaptação no Rio Grande do Sul, por mais que suas experiências sejam diferentes, Scliar apresenta a luta feminina por aceitação e respeito. Esther chegou ao Brasil enganada por aquele que amava, mas segue determinada cumprindo seu destino. Além disso, é mãe dedicada, faz tudo pelo filho, revelando mais traços de suas qualidades familiares do que das fraquezas que a trama de vinda ao Rio Grande do Sul gerou.

Esther é uma mulher digna, protagonista da sua história. Rejeitada, muitas vezes, pela sociedade não desiste pelo filho. Raquel é uma jovem judia educada em uma escola católica pelo fato de seu querer a melhor educação para ela. Ele, o pai, não identifica o conflito que a menina viverá, pois acredita na dignidade de sua família. Tem orgulho disso. Mas, cabe a Raquel vivenciar o conflito entre os dois mundos, o judaico e o católico, ser prisioneira das narrativas cristãs e se impor contra elas. Precisa viver entre os deuses que lhe são apresentados. No seu primeiro dia na escola percebe que é a única judia e observa a estranheza que gera nas demais estudantes. De acordo com o narrador:

São quarenta meninas na turma. Raquel é a única judia. Isabel, sua companheira de carteira, vive a lhe fazer perguntas: como é que os judeus rezam? Como é que se casam? Como é que se batizam? Estimam-se as duas, mas são muito diferentes.³¹

Essas diferenças só podem ser superadas com o conhecimento da cultura de Raquel. O que Scliar expressa é justamente o sentimento judaico do hibridismo cultural, da adaptação ao local de chegada e da necessidade de vencer o discurso antijudaico.

Assim, ao mesmo tempo em que a campanha antijudaica, divulgada pela revista *Unitas* neste estudo, visava o impedimento de entrada no Brasil e o isolamento da comunidade judaica, para não degenerar sexualmente o povo brasileiro, construía uma visão de medo destes indivíduos. “O corpo impuro do judeu que vivia isolado podia contaminar o cristão”.³² Mais que isso, as colônias agrícolas em um primeiro momento e depois o bairro judaico de Porto Alegre, o Bom Fim, liberavam fantasias e desconfianças, gerando medo destes espaços desconhecidos.

1962, iniciou suas publicações na área literária, se tornando um dos escritores gaúchos com um dos mais expressivos números de publicações e premiações.

²⁹ Scliar, 1997.

³⁰ Scliar, 2001.

³¹ Scliar, 2001, p. 18.

³² Ferro, 2009, p. 25.



Esses medos foram vencidos por meio de campanhas difamatórias que destacavam questões referentes a sexualidade, mencionada como inadequada, dos judeus. Coube a comunidade judaica lutar contra os preconceitos solidificados e apresentar a riqueza de sua cultura.

Referências

- A Opinião Pública*, Pelotas, 1910 a 1945.
- Correio do Povo*, Porto Alegre, 1935 a 1945.
- CROSSAN, John Dominic. *Quem matou Jesus? As raízes do anti-semitismo na história evangélica da morte de Jesus*. Tradução: Nádia Lamas. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente – 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Diário da Manhã*, Passo Fundo, 1937 a 1945.
- FERRO, Marc. *O ressentimento na História*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução: Edmundo Cordeiro. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: I, A vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GABLER, Neal. *An Empire of Their Own: How the Jews Invented Hollywood*. Nova York, Estados Unidos: COROA, 1989.
- GLASMAN, Jane Bichmacher de. Amor, sexo e casamento no judaísmo. *NEARCO - Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 50-71, 2022.
- GOUVÊA, Oswaldo. *Os judeus do cinema*. Rio de Janeiro: Graphica São Jorge, 1935.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. São Paulo: Papirus, 1986.
- LEON, Adriana Duarte. A revista *Unitas* como uma estratégia pedagógica: a unificação da ação do clero no Rio Grande do Sul/Brasil. *Atos de Pesquisa em Educação*. Blumenau, v. 12, n. 2, p. 512-530, mai./ago. 2017
- LIA, Cristine Fortes. *Bons cidadãos: a comunidade judaica do Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945)*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- SANTOS, Mylena Fancielli; FETZNER, Andréa Pellegrini. Mulheres migrantes: invisibilidade no processo migratório e dificuldade de inserção no mercado de



trabalho decente brasileiro. Anais do XVI Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. Tradução: Sérgio Kon. Rio de Janeiro, São Paulo: DIFEL, 1978.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: Globo, 1977.

SCLIAR, Moacyr. *Os deuses de Raquel*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

SILVA, Tiago Gomes da. Do sistema de estúdios à Nova Hollywood (1920-1980). *Rev. Hist. UEG – Porangatu*, v. 5, n. 2, p. 233-261, ago./dez. 2016

Unitas, Porto Alegre, 1930 a 1945.

Enviado em: 30/09/2025

Aprovado em: 30/10/2025